

António Amaral

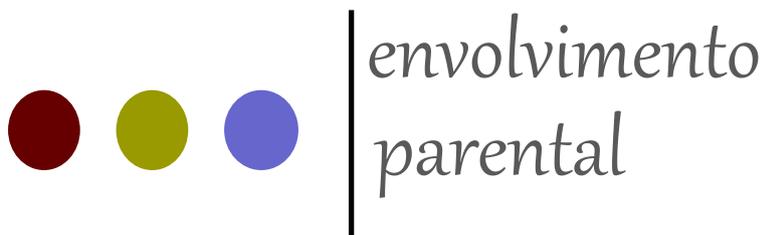
PROMOVER A CAPACITAÇÃO
DOS PAIS E INCENTIVAR A SUA
INTERVENÇÃO NA ESCOLA

Envolvimento Parental

Capacitar para intervir

Pais na Escola e na Turma

Academia Ramiro Freitas



Pais na Escola e na Turma

INDÍCE

Pág. 3 Introdução

Pág. 4 Capítulo I Parcerias

Pág. 10 Capítulo II O professor/o diretor de turma e os pais

Pág. 19 Capítulo III Organização da Turma

Anexos

I - Legislação - pág. 23

II - Seis tipos de envolvimento, de Joyce Epstein - pág. 26

Intervenientes

Diretor
da Turma

Professores
da Turma

Pais
da Turma

Envolvimento parental

PROMOVER A CAPACITAÇÃO DOS PAIS
E INCENTIVAR A SUA INTERVENÇÃO NA ESCOLA



O regime jurídico de autonomia, administração e gestão das escolas reconhece aos pais e encarregados de educação o direito de **participação** na vida das escolas.

Na escola, como em casa, os pais têm um lugar. E responsabilidades:
Criar, Sociabilizar, Estimular, Apoiar, Participar

INTRODUÇÃO

“A educação deve ser um despertar para a filosofia, para a literatura, para a música, para as artes. É isso que preenche a vida. Esse é o seu verdadeiro papel.” Edgar Morin

UNESCO aponta para a necessidade de mudança educacional

Uma nova abordagem humanista da educação no século XXI

"Vivemos num mundo caracterizado pela mudança, complexidade e paradoxo. Essas mudanças indicam o surgimento de um novo contexto global para a aprendizagem que tem implicações importantes para a educação. Isso requer que revemos o propósito da educação e da organização de aprendizagem. A complexidade do mundo de hoje exige uma abordagem global da política de educação inserida numa melhor compreensão de como o conhecimento é criado, controlado, disseminado, adquirido, validado e utilizado. Requer, também, um maior desenvolvimento dos princípios éticos que regem a educação e o conhecimento como um bem comum ". (Fonte: [UNESCO - Apresentação website de "Repensando a Educação "](#))

“Escolas falham no envolvimento dos pais”

«Os pais desempenham um papel essencial no sucesso escolar e nos resultados dos alunos. Investigadores da Gallup, outros académicos e profissionais têm-no demonstrado. Um estudo recente da Gallup mostra que os pais empenhados na escola dos seus filhos estão 94% mais propensos a recomendar a escola a amigos ou familiares. Cada vez mais as escolas necessitam entender as necessidades e expectativas dos pais para construir confiança e ganhar o apoio dos mesmos. Os pais envolvidos tornam-se não só defensores da escola dos seus filhos, como eles próprios apresentam ideias para melhorar o funcionamento da mesma. O envolvimento dos pais é relativamente simples de medir, e as escolas podem geri-lo sem grandes esforços (...) para que possam rapidamente identificar os pontos fortes e oportunidades, bem como a eficácia dos seus esforços anteriores. Finalmente, estes métodos fornecem um canal eficaz entre a direção da escola e os pais para comunicar e construir a confiança mútua. Esta parceria entre pais e escolas pode aumentar o sentimento de pertença e responsabilidade para se tornarem mais envolvidos e entusiasmados acerca da escola. (...) A pesquisa Gallup sugere que as melhores escolas investem para medir o envolvimento dos pais, numa base contínua de forma a tomar decisões inteligentes, tendo em conta as opiniões dos pais manifestadas nos resultados das pesquisas. Além disso, medir o envolvimento permite criar oportunidades para a direção da escola e os pais reverem as conclusões do estudo e colaborar num caminho para a melhoria contínua da escola.»

Tim Hodges, diretor de pesquisa Gallup
8 de dezembro de 2016

<http://www.gallup.com/businessjournal/199193/schools-missing-big-opportunities-engage-parents.aspx>

Modelos de Parceria

Parceria - o que é?

“Processo de ação conjunta com vários atores ou protagonistas coletivos ou individuais, que se aglutinam à volta de um objetivo partilhado, disponibilizam recursos para em conjunto definirem e negociarem estratégias e caminhos que viabilizam o referido objetivo, avaliando continuamente os seus resultados”

Professor Rogério Roque Amaro

A Parceria como trabalho de Equipa consiste em:

- Instituir a cooperação como processo de trabalho;
- Partilhar problemas e soluções;
- Comunicar;
- Construir culturas comuns.

O Modelo Familiar

Cada família constrói um espaço e um modo relacional próprios. Este constitui o “modelo familiar” que, orientado por normas e valores, regula os comportamentos dos seus membros. **Modelos de família:**

- Família clássica (pai/mãe/filho/s);
- Família monoparental;
- Famílias com conjugues do mesmo sexo;
- Família alargada;
- Família recomposta/reconstituída;
- Família de adoção;
- Família em união de facto;
- Famílias de acolhimento;
- Apadrinhamento Civil.

O que nos **diferencia** como indivíduos:

- Emoções,
- Motivações,
- Necessidades,
- Interesses (cultura, meio social...),
 - Expectativas (êxito social...).

O que nos **une**?

A **convergência** entre tudo o que nos diferencia.



Relação Escola-Família-Comunidade

Manuela Matos (1)

Não rejeitando as dificuldades reais que as famílias apresentam, fortemente condicionadas pelas suas condições sociais e trajetórias de vida, parece ser necessária entendê-la como uma “instituição ativa, capaz de preservar e reproduzir estratégias (...), de resistir a pressões externas (...) e de agir sobre a própria mudança” (Almeida, 1985, citado por Seabra, 1999: 19), com autonomia, capacidades, projetos e saberes.

Ou seja, desenvolver uma outra compreensão da realidade das famílias, passando da “perspetiva do défice ao reconhecimento da experiência, das necessidades e das competências” (Canário, 2001), o que exige ultrapassar uma lógica meramente “descritiva dos problemas, encontrando antes as suas causalidades”, inseridas numa lógica de problemas sociais (Canário et al, 2001).

A adoção desta perspetiva implica instituir uma outra cultura escolar e profissional, onde as famílias possam ser ouvidas, valorizadas, com base no desenvolvimento de estratégias de capacitação e autonomia pessoal no quadro de um projeto educativo que integre as diferentes culturas e competências dos atores envolvidos.

(...)

A escola e a aprendizagem que nela tem lugar está cada vez mais ligada ao sucesso escolar e “à produtividade, competitividade e crescimento económico” (Canário, 1999) pelo que as famílias tendem essencialmente a valorizar e a exigir uma boa instrução, desvinculando-se de uma participação efetiva no contexto organizacional da escola, enquanto parceiros capazes de influenciar as suas práticas e o desenvolvimento de “processos educativos ecológicos” (Furter, citado por Canário, 1999).

Acrescente-se que a ausência de uma visão mais alargada sobre como e onde intervir, por parte das famílias, (o que posso fazer? O meu contributo será importante?) é reforçada pela ausência de práticas de participação, situação decorrente da nossa história social e política, do fechamento da escola face às comunidades e da sua perspetiva autocentrada.

Implica considerar a participação como o exercício de parte do poder que as famílias detêm em qualquer decisão, legitimando os seus sistemas de interesses, valores e projetos educativos (Lima, 1992; Nóvoa, 1992).

Pressupõe a mobilização dos atores (famílias, representantes locais...) para a ação, inscrita nas redes de relações e interações sociais e informais que se criam e desenvolvem no contexto das escolas e no espaço territorial.

Neste sentido, as famílias são consideradas como parceiros, sujeitos e protagonistas da ação educativa, situação que tenderá a “quebrar o monopólio educativo da instituição escolar” (Canário, 1999).

(1) Professora

Extratos da intervenção no Seminário FERSAP Municipalização da Educação, Setúbal, 11-10-2003

Nota: Texto completo em www.fersap.pt [Participação dos Pais na Escola]

Modelo de Parceria Escola-Família-Comunidade

Joyce Epstein ¹

Este Modelo de Parceria, de Epstein, revê conceitualizações anteriores que consideravam famílias e escolas como existentes em esferas separadas, o que implicava que elas tinham responsabilidades separadas.

O envolvimento dos pais é reconhecido como um fator significativo na melhoria da qualidade da educação de uma criança. Devido à sua importância, a compreensão de como os pais ajudam os seus filhos e como as escolas podem incentivar um maior envolvimento dos pais têm sido importantes objetivos de pesquisa em educação e sociologia. No final da década de 1980, Joyce Epstein propôs o Modelo de Parceria Escola-Família-Comunidade, que logo se tornou influente na pesquisa de envolvimento dos pais. O modelo tem duas componentes principais.

O primeiro descreve a **parceria** de escolas, famílias e comunidades como esferas **sobrepostas**. As esferas representam as escolas, as famílias e as comunidades as quais têm, cada uma, um interesse e uma influência na educação de uma criança. A sobreposição das esferas representa que os interesses e influências das partes interessadas na educação de uma criança são mútuos. Dois fatores influenciam o grau de sobreposição das esferas: **tempo e experiências**. Ou seja, o tempo na escola, a idade da criança e as experiências da criança na família e na escola podem influenciar o grau em que as escolas, as famílias e as comunidades têm interesses e influências mútuas sobre a criança. Por exemplo, é um caso típico os pais estarem mais envolvidos na escola quando os seus filhos são crianças. Assim, o Modelo de Parceria representaria uma maior sobreposição de pais e escolas para um aluno do 1.º ciclo do que para um aluno do ensino médio (Epstein et al., 2002).

O segundo componente do Modelo de Parceria ilustra as **relações interpessoais e os padrões de influência** que são mais importantes na educação de uma criança. De acordo com o modelo de Epstein, existem **dois tipos de interações**: dentro das organizações e entre as organizações. Além disso, existem vários níveis de interações. Padrão, interações organizacionais ocorrem entre famílias e escolas. Este tipo de interação inclui a comunicação sob a forma de boletins informativos e relatórios sobre as atividades da escola e desempenho. As interações específicas e individuais são aquelas entre pais e

¹ Joyce L. Epstein é diretora do Centro de Parcerias Escolares, Familiares e Comunitárias e da Rede Nacional de Escolas de Parceria, professora e investigadora em educação e sociologia da Universidade Johns Hopkins (Baltimore, estado de Washington, EUA). A sua pesquisa focaliza o envolvimento da família e da comunidade e sobre os resultados para os alunos. Tem mais de 100 publicações sobre o envolvimento da família e da comunidade. Foi nomeada membro da American Educational Research Association (AERA) em 2009 e recebeu o Prémio Elizabeth Cohen 2009 para Pesquisa Aplicada do Grupo de Interesse Especial de Sociologia da Educação da AERA. Em 1995, fundou a Rede Nacional de Escolas de Parceria.

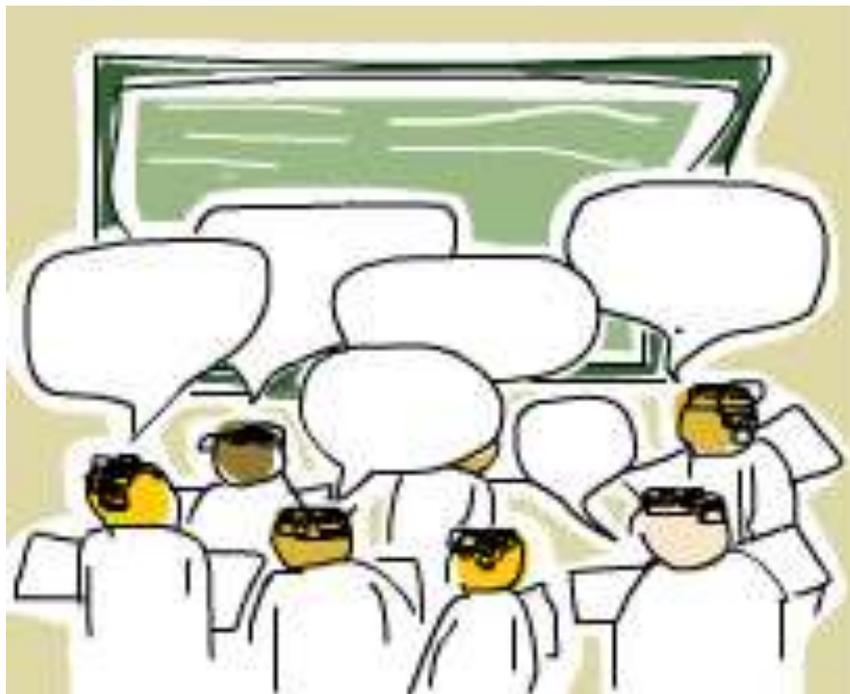
professores. Notas para casa enviadas pelo professor ou conversas numa reunião pai-professor inserem-se nesta categoria. No centro desta metade do modelo está a criança, que interage com a escola e a família. A criança é influenciada pelas interações e produz mudanças nos outros (Epstein, 2001; Epstein et al., 2002).

O conceito-chave subjacente a ambas as partes do Modelo de Parceria é que todas as partes interessadas na educação de uma criança têm interesses e influências mútuas. O principal interesse compartilhado é que a preocupação de cuidar da criança seja bem-sucedida. Além disso, o modelo sugere que os interesses e influências compartilhadas pelas partes interessadas podem ser promovidas pelas políticas educativas, ações, atitudes e valores das partes interessadas. Embora isso possa parecer senso comum, o modelo difere das teorias anteriores sobre as relações entre a escola e a família. Em particular, o Modelo de Parceria de Epstein revê conceitualizações anteriores que consideravam as famílias e as escolas como existentes em esferas separadas, o que implicava que elas tinham responsabilidades separadas. Embora o Modelo de Parceria reconheça que as escolas e as famílias muitas vezes têm mais ou menos influência em certas idades, o modelo também sugere que a sobreposição entre famílias e escolas pode ser aumentada com o esforço conjunto de uma ou mais partes interessadas (Epstein).

Seis tipos de envolvimento

Um dos objetivos da pesquisa em parceria de Joyce Epstein foi identificar as ações que as escolas, as famílias e as comunidades envolvem quando se concentram na aprendizagem dos alunos. Foram identificados seis tipos gerais de envolvimento, a desenvolver pela escola, que se publicam, na íntegra, em Anexos (pág. 26).

Fonte: <https://www.enotes.com/research-starters/joyce-epsteins-school-family-community-partnership>



Estratégias de Envolvimento Parental

Uma preocupação subjacente a todas as estratégias aqui descritas² foi a da sua possível adequação a diferentes tipos de famílias, escolas e comunidades. Pensamos que qualquer professor numa escola pode incentivar um maior envolvimento dos pais, seja a nível da sala de aula, seja a nível de escola, mas a mudança só poderá ocorrer quando toda uma cultura de parceria for assumida pela escola. Entendemos que ao pedir um maior envolvimento das famílias na escola é importante salvaguardar a efetiva possibilidade da participação de todos a partir da diversificação de propostas efetuadas pelos professores e da negociação a nível de escola e de turma.

Todas as atividades propostas centram a iniciativa de trazer os pais à escola, de os envolver nas atividades de aprendizagem das crianças nos professores considerados como primeiros responsáveis por criar um ambiente favorável à aprendizagem que possibilite a todas as crianças a autorrealização pessoal e o sucesso educativo.

Nesta perspetiva, o envolvimento dos pais não é entendido como uma opção, mas como algo fundamental no processo de aprendizagem de todos os alunos. Envolvimento que não se esgota na relação do professor da turma com as famílias dos seus alunos, mas que deve incluir a relação da escola com as famílias constituindo uma das prioridades dos órgãos de gestão. A relação da escola com os pais reflete-se na dinâmica e cultura de escola e deve estar definida no Projeto Educativo. Nesta perspetiva, há que reforçar o papel do auxiliar de ação educativa como garante de êxito da dinâmica a implementar. Só assim se poderá falar de uma comunidade educativa efetivamente envolvida.

Nas cinco escolas, que integraram o Estudo, encontrámos famílias muito diferentes, quer do ponto de vista económico e social, quer pelo modo como são representadas no discurso dos professores. O privilégio da observação das experiências vividas em igualdade, não distinguindo as crianças de famílias economicamente desfavorecidas e/ou socialmente marginalizadas, marcou positivamente todos os envolvidos no estudo. Foi possível observar que todos os pais podem participar e participam efetivamente quando se criam as condições que permitem esse envolvimento.

Nota: Texto completo em www.fersap.pt [Participação dos Pais na Escola]

Ideias força do envolvimento dos pais:

- depende da cultura de parceria assumida pela escola,
- fundamental no processo de aprendizagem de todos os alunos,
- os pais participam quando se criam as condições para o efeito.

² “Uma visão Prospetiva da Relação Escola / Família / Comunidade”.

Autores: Luísa Ramos de Carvalho, Ana Maria Reis, Emília Fernandes, Ilda Morais, Joana Campos, Liliana Cruz
Edição do Departamento de Avaliação Prospetiva e Planeamento do Ministério da Educação 2000

A motivação para o Envolvimento fomenta-se

A principal motivação dos pais é inerente à natureza da atividade e fins da organização - A Escola (na qual estão inseridos através dos seus filhos), pela nobreza dos seus objetivos e ações que produz na sociedade.

Nas escolas temos “públicos” [modelos de família] diferentes, aos quais se pretende “vender” o mesmo produto, com a mesma embalagem e a mesma mensagem!

- Como se divulga, aborda e discute com os pais o Projeto Educativo, o Plano de Atividades, o Regulamento Interno, os Currículos, o Estatuto do Aluno?

A maioria dos pais só vai à escola quando é convocados para as reuniões de turma, uma, duas ou três vezes por ano letivo, para saberem dos seus (próprios) filhos. Nas reuniões de turma uns tantos falam, os outros limitam-se a ouvir. Para além das informações sobre as avaliações, posturas e comportamentos, sobre as visitas de estudo que os pais têm de participar, e pouco mais, outros assuntos relevantes da escola não são tratados. Estas reuniões, na generalidade, são desmotivantes, em vez de aproximarem e envolverem os pais, afasta-os da vida da escola...

Ouvem-se, frequentemente, queixas de que os pais não vão à escola interessarem-se sobre os problemas de aprendizagem dos seus filhos, e, por isso, são os culpados pelo insucesso! Esta perspetiva é aquela que considera os pais como meros ouvintes, ou seja, reclama pela sua presença, mas nega-lhes o direito de participação.

- O que fazer para mudar o formato, conteúdo e objetivos destas reuniões de turma?
- Que práticas para a capacitação dos pais?
- Envolvimento sim, mas como, se a cultura de escola for egocêntrica?
- Qual o papel dos representantes dos pais, quer nos conselhos de turma, quer nas reuniões regulares do DT da turma com os pais (3 vezes/ano!), quer, ainda, nas associações de pais e na vida em geral das escolas?
- **Motivação | Comprometimento | Partilha | Envolvimento | Participação** - O que fazer e como?

Pergunta: Há ou não vontade política para promover uma verdadeira capacitação dos pais e famílias?

A Turma

O diretor de turma, os professores e os pais

O badalado desinteresse dos pais tem uma relação direta com a falta de iniciativas e atividades da escola que promovam o envolvimento

«Podemos constatar que os diretores de turma atribuem a falta de envolvimento dos pais nas atividades da escola, ao desinteresse dos pais pela vida escolar dos educandos. Este facto surge na literatura, como uma visão dos professores que não corresponde à realidade. Os professores tendem a interpretar a ausência das famílias das atividades escolares como desinteresse pela educação dos educandos, mas muitas vezes, é a escola que os afasta ou que não desenvolve atividades que promovam o envolvimento (MARQUES,2001)», citado por Susana Maria da Silva Pereira Alho e Cristina Nunes, in Contributos do diretor de turma para a relação escola-família, Revista Educação, Porto Alegre, 2009

“Os pais educam por identificação, por amor, por seu exemplo. O professor não tem essa identidade, mas traz outras referências. Os valores para a vida não podem ser só familiares. Eles precisam ser sociais. Nenhuma relação é mais educadora do que as relações que acontecem na escola. Esse espaço é educador em si mesmo.”
- Fernando Savater, “A educação do cidadão do século XXI”. Fronteiras do Pensamento, 2015.



Três equívocos e quatro atitudes

«Não se poderá ignorar a forte influência que a família desempenha no êxito escolar e, conseqüentemente, também no fracasso (Santomé, 2006). Neste sentido, segundo Coutinho (1998), são já muitos os autores que, atualmente, alertam para o facto de a melhoria da educação nas escolas ter de passar por uma maior intervenção dos pais como educadores dos filhos.» Filipe Manuel Clemente; Rui Manuel Mendes; Revista Exedra, 7, 2013

«Num estudo realizado em Portugal sobre a relação entre a Escola e famílias de alunos dos meios mais desfavorecidos, Don Davies e a sua equipa verificaram a existência de uma tendência para a maioria dos professores transportar consigo um modelo tradicional de classe média daquilo que são bons pais, bons lares e bons filhos, i.e., um pré-conceito. Assim, as famílias que se desviavam desse modelo seriam suspeitas e perturbariam os professores. Outros professores revelam expectativas de que as crianças oriundas dessas famílias teriam dificuldades na escola e, claro, esta previsão realizava-se com regularidade (Don Davies et al., n.d.; cit in Silva, 1993). A profecia da profecia que se autorrealiza, realiza-se mesmo: decorre o efeito pigmaleão (i.e., efeito Rosenthal) (Silva, 1993).

Através desta perspetiva, Isabel Guerra (Dias, 1999; cit in Cebolais, 2010) aponta **três equívocos geradores de dificuldades a uma atitude colaborante entre a escola e a família:**

1.º *De ordem técnica*: o professor assume-se como detentor de um conhecimento mais sustentando dos processos de desenvolvimento pessoais, traduzindo-se numa **desvalorização** do conhecimento das famílias, gerando uma relação agressiva e/ou paternalista no momento de acolher as famílias, tentando vincar o seu papel de perito e de superior hierárquico;

2.º *De ordem moral*: pontualmente os professores desvalorizam a família e o lar como unidades pertencentes ao processo educativo, considerando-os limitadores e não potenciadores;

3.º *De ordem social*: os pais representam uma ameaça ao poder do professor.

Uma dimensão considerável dos professores e, conseqüentemente, diretores de turma, têm problemas em se relacionar com as famílias, fundamentalmente, devido à falta de desenvolvimento de habilidades sociais e à **carência de informação que possibilite as interações e a comunicação** (Santomé, 2006). (...). Perante a clivagem sociológica que normalmente atravessa o tipo de participação dos pais torna-se **imprescindível**, pretendendo evitar desfechos perversos, que o **diretor de turma se sensibilize** para o facto de que a **família deverá possuir um papel importante** na educação dos seus educandos (Silva, 1993).

Família e escola deverão criar, em si mesma, um conjunto de **atitudes** que tornem realidade a existência de **uma forte ligação** entre elas, sendo que Diez (1989) aponta para **quatro atitudes fundamentais para a correta relação escola-família: 1) conhecimento da tarefa; 2) responsabilidade; 3) sinceridade; 4) compreensão.**

A **primeira** atitude prende-se com o facto de ambas conhecerem a sua tarefa e funções específicas na educação. Só existirá coordenação escola-família no momento em que as partes não interferirem nas tarefas que não lhes pertencem.

A **segunda** atitude é a responsabilidade no desempenho da função que lhes é própria. A necessária relação entre família e escola só será real, quando as duas cumprirem fielmente as obrigações educativas específicas que lhes são incumbidas.

A **terceira** atitude é a sinceridade, ou seja, só através da verdade poderá existir um claro entendimento entre os educadores dos mesmos educandos.

A **quarta** atitude é a compreensão entre escola e família. A compreensão julga com benevolência e ajuda a procurar a melhor solução. É perante uma atitude de diálogo que se encontrarão os pais e a escola.

In Perfil de Liderança do Diretor de Turma e Problemáticas Associadas; Filipe Manuel Clemente; Rui Manuel Mendes; Revista Exedra, N.º 7, 2013, Escola Superior de Educação de Coimbra
<http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2014/08/07EF-v2.pdf>

O diretor de Turma

*Representa a imagem da escola perante os pais.
Desempenha o papel de intermediário entre os pais e os outros professores.*

O diretor de Turma tem um importante papel em toda a dinâmica escolar. A relação com os pais e encarregados de educação constitui um fator fundamental, como amplamente está demonstrado. Mas os problemas subsistem, porque não se muda o paradigma.

«O diretor de Turma é assumido como sendo uma figura de gestão intermédia da escola, depositário de responsabilidades particulares no que concerne à coordenação dos professores da turma, à promoção do desenvolvimento social e pessoal dos alunos e sua integração no ambiente escolar, assim como ao relacionamento estabelecido entre a escola, os encarregados de educação e a comunidade escolar.

Reconhece-se este gestor pedagógico como acumulando uma tripla função, ou seja, a relação estabelecida com os alunos e com os encarregados de educação, além da relação estabelecida com os demais professores da turma. Assim, o diretor de Turma é um professor posicionado numa estrutura pedagógica de gestão intermédia da escola, particularmente centrado nos alunos e na gestão dos mesmos, especializado na organização de um trabalho cooperativo entre os diferentes professores da turma que dirige, em benefício do desenvolvimento intelectual e pessoal destes discentes. O diretor de Turma constitui uma peça fundamental na relação interna entre o grupo - turma e o grupo - professores, bem como na relação externa que estabelece com os encarregados de educação.»

In O Diretor de Turma: perfil e competências; Clara Boavista e Óscar de Sousa; Revista Lusófona de Educação, 23, 2013

Inquérito aos pais

Na primeira reunião de turma o DT pode entregar aos pais um inquérito sobre qual a participação que podem dar à escola, incluindo disponibilidades e voluntariado; profissão, habilitações e local de trabalho; endereços de email e TM para contactos.

Nota sobre a legislação aplicável aos DT

As especificidades conferidas ao Diretor de Turma, através da Portaria 970/80, de 12 de novembro (em Anexo, pág. 24), são semelhantes às que atualmente vigoram no Decreto-lei n.º 75/2008, de 22 de abril, alterado pelo DL 137/2012, de 2 de julho, e no Despacho Normativo n.º 13-A/2012, de 5 de junho.

A relação professor/pais

A relação entre professores e pais vai-se alterando através dos vários ciclos de ensino. Muito próxima, quase ternurenta, no jardim de infância, onde há uma cumplicidade recíproca, que se mantém no 1.º ciclo, com o professor titular, mas que se perde e se distancia a partir do 5.º ano.

No início do 2.º ciclo pais e alunos confrontam-se com uma nova realidade. De um único professor, que conheciam e com quem falavam, passam a ter vários professores na mesma turma. A maioria dos pais, durante todo o ano, nunca fala nem conhece a totalidade dos professores da turma do seu filho... Toda a informação e contactos passa por um único professor - o DT.

Verifica-se que este distanciamento é fomentado pela escola, que cria muros e barreiras para impedir, não só a entrada dos pais no espaço físico da escola, mas também, entrar no espaço dos sentimentos, através do contacto direto com os professores do seu filho!

**A visão dos pais da escola é a observada do exterior
- é a visão material, do edifício, para além das grades dos portões!**

Este é um modelo criado no século XIX, após a revolução industrial, e que se mantém inalterável no nosso país, mau grado todas as transformações sociais e tecnológicas verificadas.

Em muitas escolas, o regulamento interno impede a entrada dos pais na escola, que ficam à porta, ou seja, no exterior da escola, que é o lugar que lhes destinaram. Só entram quando a escola, qual castelo, baixa a ponte levadiça sobre a barbacã e deixa entrar o pai/a mãe no seu interior, para uma reunião previamente marcada, sobre assuntos que dizem respeito diretamente ao educando. Dizem: «é preciso impedir a livre circulação dos pais na escola para não perturbarem o normal funcionamento das aulas». Que grande falácia e falta de perspetivas pedagógicas.

Encontrar formas de envolver as famílias na cultura escolar

Devem ser criados programas e projetos para garantir que as famílias fiquem envolvidas de forma produtiva. Os pais devem ser envolvidos na discussão desses programas, assim como, dos recursos e ferramentas específicas, partilhando ideias e experiências.

↪ No 1.º ciclo

As escolas, no 1.º ciclo, devem fazer um programa anual que contemple a presença de um pai/mãe, por exemplo, durante o período da manhã, para colaborar nos trabalhos didáticos, falar da sua profissão, de entre outros assuntos. A presença paterna ou materna na sala de aula tem consequências positivas no comportamento dos alunos, pois estes assumem uma postura de respeito pelos elementos exteriores. Isto está comprovado. Há escolas do 1.º ciclo que contam com a presença organizada das avós, nomeadamente em trabalhos manuais, experiências motivadoras de partilha e empatia.

Os pais e avós, no final das aulas, em vez de estarem no exterior à espera das crianças, podem entrar na sala de aula e colaborar, com os filhos, na arrumação e limpeza da sala (contribuindo para melhorar condições de higiene que beneficiarão os filhos, mas, também, dando um exemplo a estes de prática de trabalho colaborativo). E os pais fá-lo-ão, com tanto ou maior gosto, quando sentirem que estão a ser tratados como gente, estão a colaborar numa escola que também é sua!

Nestes momentos de voluntariado na sala de aula, há sempre uma oportunidade para trocar umas palavras com o professor, que aproveita a ocasião para dar algumas recomendações: “Olhe, o João precisa de fazer contas de multiplicar em casa”, “o Tiago precisa de ler mais, ponha-o a ler um livro, em voz alta antes de ir dormir” (sempre palavras na positiva, nunca dizer, em frente de outros pais e alunos, que o João ou o Tiago têm dificuldades, problemas na aprendizagem, eles sabem, precisam é de treinar).

A maioria dos pais nunca entrou na sala de aula do seu filho, em qualquer grau de ensino. E esse contacto é importante, pôr os sentidos a funcionar, ver, cheirar, passar a mão pelas carteiras e sentir a aspereza da madeira ou o acetinado do lacado. Tudo desperta efeitos sensoriais que vão sensibilizar o cérebro para se criar empatia com a sala de aula, o fórum onde a escola acontece. E o mesmo na visita à biblioteca escolar, às salas dos laboratórios, ao refeitório e ao ginásio. É preciso ativar nos pais os sentimentos de pertença, primeiro passo para a empatia e envolvimento.

↳ No 2.º e 3.º ciclos e secundário

O mesmo método pode ser aplicado nas escolas do 2.º e 3.º ciclos e ensino secundário, com as necessárias adaptações, dando-se enfoque no apoio às bibliotecas e ao desporto escolar, na organização de atividades desportivas e lúdicas para alunos e famílias fora dos tempos letivos, em programas para a promoção e educação para a saúde, no fomento de atividades culturais, como teatro e grupo coral, envolvendo toda a comunidade.

Para implementar estes modelos de participação é preciso acabar com receios incutidos ao longo dos tempos. Os pais não são violentos, não pretendem dar ordens aos professores, nem mandar nas escolas. Isso são ideias feitas, a partir de alguns estereótipos. Precisa-se apenas de boa vontade!

Acaso os pais sabem o que é exigido aos professores?

Claro que a esmagadora maioria não sabe. E porquê?

Porque nunca foram recebidos na escola para os porem a par dos problemas do ensino, das exigências do currículo, do programa de aprendizagens que os alunos têm de adquirir.

Se os pais soubessem o que é exigido e em que condições trabalham os professores para cumprirem as metas e objetivos, de certeza que passariam a ter outra postura e assumiriam um papel colaborante com os professores e a escola.

É necessário que a escola promova eventos e iniciativas com os pais para os colocarem a par dos problemas, das dificuldades, dos desafios e dos projetos, envolvendo-os como membros efetivos da comunidade, como, por exemplo, jornadas educativas para refletir sobre os problemas, praticar a autoavaliação, promover o sentido crítico construtivo, para que todos se sintam envolvidos por atores das soluções e mudanças.

O Modelo de Epstein de Parceria Escola-Família-Comunidade (pág. 26) é um excelente manual de trabalho para se implementarem várias regras e práticas que conduzam ao objetivo final de se alcançar o sucesso educativo, o bem-estar e o progresso social e económico.

Como pode o professor reforçar o envolvimento dos pais e melhorar a intercomunicação

Receber os pais envolvidos na educação dos seus filhos é benéfico para todos. Pode-se melhorar a conexão de casa para a escola e expandir o envolvimento dos pais. Damos, a seguir, dois exemplos que podem ajudar a alcançar esse desejado objetivo.

1. Promover maior envolvimento dos pais

Estudos têm demonstrado que os pais podem ser incrivelmente importantes parceiros na educação de uma criança. Este artigo, a seguir, explica o porquê.

Envolver os pais é a base do sucesso do aluno: Quando a mãe e pai vão às aulas, as crianças fazem melhor

Por Michael Sevilha

«A maioria dos educadores concorda que o envolvimento dos pais é um ingrediente chave na forma como um aluno aprende. Uma escola pública na cidade de Saratoga, Califórnia, assumiu esta evidência. Christa McAuliffe Elementary School tem um programa que, não só incentiva os pais a serem membros ativos na educação dos seus filhos, mas também o exige.



Os pais com filhos na McAuliffe devem passar duas sessões, de aproximadamente noventa minutos (três se tiverem dois filhos), todas as semanas nas salas de aula dos seus filhos. Mas, antes disso,

primeiro têm de participar numa formação, de sete sessões [Systemic Training for Effective Parenting (STEP)- Sistema de Treino para uma Parentalidade Eficaz], concebida para ajudar a melhorar a tarefa quando comparecem na sala de aula. Esta tarefa vai muito além de serem, simplesmente, adjuntos de professores.

"Os nossos pais não são apenas auxiliares na parte de trás da sala de aula", diz Michael Kalb, diretor da McAuliffe. "Nós reconhecemos que os pais são o primeiro professor de uma criança e transportam esta noção para a sala de aula. Os pais conduzem lições baseadas nos seus próprios conhecimentos ou experiências pessoais." Médicos, por exemplo, podem usar a experiência do seu trabalho diário para ensinar biologia. Arquitetos podem realizar um design gráfico, ou trazer exemplos da vida real para uma classe de geometria.

(...) Nem todas as pessoas conseguem atender às exigências da sala de aula da escola e encontrar tempo suficiente para o efeito. Portanto, o programa incorporou formas de ampliar a participação dos pais. "Somos muito flexíveis na elaboração de alternativas", diz Kalb. Ele explica que os pais que não podem dispor de tempo para gastar na sala de aula, além de outras maneiras podem contribuir para o esforço global do programa (...).

Kalb admite que nem todos os pais estão entusiasmados com as exigências que lhes são colocadas, incluindo o curso STEP. Mas diz que é capaz de animar os pais enfatizando o sucesso dos alunos que se mudaram para graus mais elevados. "As escolas secundárias relatam que os nossos alunos sabem pesquisar e trabalhar muito bem em grupo", disse Kalb, que atribui isso, em parte, ao nível de especialização e entusiasmo que os pais trazem para a sala de aula.

Embora um bom número de empregadores dos pais compreenda a necessidade de tornar o envolvimento semanal possível, Kalb gostaria de ver uma revolução nacional em apoio educacional. Isso inclui tempo livre para que os pais possam trabalhar na educação dos filhos.

Kalb sente que um programa eficaz pode começar em pequenos incrementos. Levar os pais para a sala de aula uma noite por mês, mesmo apenas para conversar com o professor sobre os pontos fortes e fracos da criança, pode promover grandes melhorias.

Ben Maisel, professor de longa data na McAuliffe, acredita que os pais aprendem tanto quanto os seus filhos quando participam na escola. "As pessoas precisam de dar uma vista de olhos na abordagem baseada em testes de responsabilidade e pensar sobre a motivação". Acrescenta que, se mais pais entendessem como o sistema funciona e o que é **exigido aos professores**, estariam mais interessados nas políticas, tanto locais como nacionais, que afetam a educação dos filhos.»

2 de junho de 2005

In <https://www.edutopia.org/parent-involvement-mcauliffe-step>

2. Falar com os pais que querem estar ligados à escola

O próximo passo é fazer o contacto com os pais. A comunicação é a chave.

Cinco maneiras para a escola melhorar a comunicação com os pais

Por Roberta Furger

A informação é um primeiro passo para aumentar o envolvimento dos pais e a tecnologia fornece às escolas formas rápidas e confiáveis de obter informações importantes para os pais - seja a nota de um aluno sobre o último teste ou notícias sobre uma próxima reunião de pais. Apresentamos cinco estratégias baseadas em tecnologias para permanecer conectado.

1. A escola dar a cada professor um endereço de e-mail

O e-mail é a maneira mais prática e eficaz de lidar com assuntos de rotina, como perguntas entre pais e professores ou agendar uma reunião pessoal.

Muitas escolas já fornecem a todos os professores um endereço de e-mail com domínio próprio. Os professores devem ter uma listagem com os endereços dos pais, tal como devem fornecer aos pais o seu endereço. Devem, também, estabelecer normas quanto aos conteúdos e fins das mensagens e tempos de respostas.

2. Desenvolver (ou aprimorar) páginas da Web da turma e da escola

As páginas da escola são a maneira mais eficiente para dar aos pais uma visão dos acontecimentos de uma sala de aula ou da escola. Fotos de atividades escolares, além de calendários, boletins eletrônicos, exemplos de trabalhos de alunos, são apenas algumas das maneiras pelas quais professores ou diretores usam a Internet para compartilhar informações da escola com os pais.

Ter uma página desatualizada é, porém, quase pior do que não ter nenhuma página. É necessário designar alguém com tempo e capacidades para manter a página atual e interessante.

3. Distribuir Newsletters

A maioria dos alunos não são mensageiros confiáveis. Os boletins ou informações facilmente se enrolam amarrotados na parte inferior de mochilas ou nos bolsos. A newsletter evita o intermediário e envia as informações diretamente para contas de e-mail dos pais. É rápida, barata e confiável. Caso nem todas as famílias tenham acesso ao e-mail, então o professor ou a escola continuará com a opção da cópia impressa para aqueles que precisam.

4. Fornecer acesso on-line aos dados do aluno

Desde relatórios de frequência até informações sobre o preço do almoço, muitas escolas estão a disponibilizar mais dados específicos dos alunos aos pais, através de sites protegidos por senha (caso da Weduc). Este acesso a qualquer momento e em qualquer lugar dá aos pais informações atualizadas sobre o desempenho e o comportamento acadêmico e alerta sobre problemas antes que estes cheguem a um ponto de crise.

5. Distribuir portáteis aos estudantes e famílias

Os computadores não ajudam apenas os alunos, ajudam as famílias. Em muitos casos, computadores portáteis distribuídos nas escolas são o primeiro e único computador de um aluno e de uma família. Aulas de computador patrocinadas pela escola para os pais podem garantir que toda a família possa tirar proveito da nova ferramenta. Os alunos podem usá-lo para a escola, e os seus pais podem empregá-lo para se manterem informados sobre os eventos da escola, através de e-mail ou a página da escola. [Nota do editor do manual: Já houve em Portugal uma experiência, mas que não teve continuidade]

10 de agosto de 2009

In <https://www.edutopia.org/parent-involvement-participation-education-tips>



Fazer um compromisso com a escola

Que responsabilidade ou compromisso solene assumem os pais quando matriculam os filhos na escola? Assinam os papéis da inscrição e da matrícula, que entregam na secretaria e, geralmente, fica por aí o vínculo. Os filhos são entregues à escola e a escola que os ensine e prepare para a vida, não é essa uma obrigação constitucional do Estado?

E onde estão os deveres os pais? No Estatuto do Aluno, de onde são plasmados para o Regulamento Interno. Mas têm os pais conhecimento desses deveres? Em algumas escolas são dadas aos pais, no início do ano, umas folhinhas onde se transcrevem os direitos e deveres. E fica-se por aqui, o que é pouco ou quase nada. É preciso fazer muito mais.

Os pais também têm deveres constitucionais, e não apenas direitos. E têm obrigações perante a escola e, sobretudo, perante os filhos. E, nesse sentido, têm de os assumir, de forma clara, ética.

Para se evitarem situações de alegado desconhecimento ou de negligência, consciente ou inconsciente, devem-se adotar procedimentos adequados. Um deles, será fazer-se a **declaração solene de compromisso** na sessão de abertura do ano letivo. No decorrer desta sessão entrega-se aos pais uma folha com a declaração, a qual será lida em voz alta e de pé, por todos os pais e encarregados de educação. Dirão alguns que isso da leitura coletiva seria ridículo. Mas, nas igrejas não é isso que as pessoas fazem? Uma cerimónia coletiva deste tipo transmite o sentido de grupo, de envolvimento, solidariedade e partilha.

Há outro meio para se garantir um compromisso solene: Assinar uma **declaração**, (ficando o pai/encarregado de educação com cópia da mesma, ficando o original na escola).

Um compromisso assinado pode fazer a diferença. Com a assinatura, a responsabilização será muito maior e não se poderão apresentar desculpas pelo laxismo.

Existem já vários exemplos, sendo um dos mais comuns, a declaração para a frequência assídua do educando às AEC. A Escola da Ponte, famosa pelo seu projeto de autonomia, tem um código de conduta, que se transcreve, no qual o encarregado de educação assume o compromisso de se envolver e participar na vida da escola.

Para todos os efeitos, o compromisso com a escola é, na realidade, um compromisso com a educação do próprio filho - e esta é a TAREFA MAIS NOBRE DE UM PAI!

Escola Básica Integrada de Aves/S. Tomé de Negrelos (Escola da Ponte)

Código de Conduta Educativa

Nome do(a) Encarregado(a) de Educação: _____

Nome do(a) Educando(a): _____

Eu, abaixo-assinado(a), declaro, no ato de matrícula do(a) meu(minha) educando(a) na Escola da Ponte, que cumprirei e respeitarei o presente Código de Conduta Educativa, assumindo o compromisso de:

- 1- Cumprir e fazer cumprir o Projeto Educativo e o Regulamento Interno da Escola.
- 2- Participar na eleição dos representantes dos Pais/Encarregados de Educação ao Conselho de Direção e nas reuniões do Conselho de Pais.
- 3- Desempenhar com lealdade e dedicação as funções para que seja eleito e me sejam atribuídas, quer no âmbito dos órgãos de direção da Escola, quer no âmbito da Associação de Pais/Encarregados de Educação.
- 4- Acatar, respeitar e cumprir as decisões legítimas dos órgãos de direção e gestão da Escola e dos corpos sociais da Associação de Pais/Encarregados de Educação.
- 5- Dialogar e colaborar estreitamente com o(a) tutor(a) do(a) meu(minha) educando(a), disponibilizando-me para reunir com ele(a) sempre que necessário ou solicitado.
- 6- Participar na reunião mensal da equipa de orientadores educativos com os pais/encarregados de educação.

Vila das Aves, ____ de _____ de 200____

o(a) Encarregado(a) de Educação

A Turma

Organização e envolvimento dos pais

A organização, o acompanhamento e a avaliação das atividades a desenvolver com os alunos e a articulação entre a escola e as famílias é assegurada pelo Artigo 44º do DL 137/2012 (pág. 23), mas exige a sua regulamentação nos regulamentos internos, nos quais devem, também, regulamentar a participação dos pais no pré-escolar e no 1.º ciclo.

O manual de boas-vindas

A escola deve, em cooperação com a APEE, elaborar um **manual de acolhimento e de boas vindas** aos pais, onde conste toda a informação relevante sobre a escola, a sua missão e objetivos, o seu organograma funcional, sobre o projeto educativo, sobre as ofertas curriculares e extracurriculares, extratos do Regulamento Interno referentes aos pais e aos alunos.

Deve incluir, também, contactos e links úteis, quer da escola, quer da associação de pais, o horário da secretaria e o funcionamento dos serviços sociais e de psicologia, além de outros que se considerem relevantes.

Reuniões e disposição das mesas na sala de aula

A atual organização e estrutura da turma na relação com os pais é um modelo antiquado, que impede a efetiva participação e envolvimento parental. Nas reuniões, o diretor de turma assume um poder hierárquico, desde logo ao sentar-se no estrado, em posição mais alta, e com a secretária como barreira física, para manter os pais à distância, sentados em fila, nas carteiras alinhadas geometricamente umas atrás das outras. E a postura dos pais será, raras exceções, a de “ouvidores”...

A sala de aula é hoje igual ao que era há 100 anos ou mais: um professor com uma mesa, junto a um quadro, de frente para 20 ou 30 alunos, que estão sentados em carteiras alinhadas em filas. Como não existem espaços neutros, há uma mensagem nesta forma de organização - uma hierarquia vertical, em que o professor é o agente e os estudantes o elemento passivo. Estão ali para ouvir, de preferência sentados e direitos.

É absolutamente **necessário** e urgente alterar o modelo das reuniões de turma, passar do figurino de sala de aula para o de espaço aberto, onde todos estão sentados em círculo, de modo a potenciar o envolvimento e a participação ativa dos pais.

Em **Espaço Aberto**: Todos falam, todos se identificam e aos seus filhos, todos partilham o que querem/esperam da escola, todos têm opinião → cultura de turma, coesão do grupo, comprometimento com objetivos da turma/escola → sucesso dos alunos.

Arranjos da sala de aula e as suas possibilidades pedagógicas

em CÍRCULO

Organização usada quando o professor se torna mediador da aprendizagem, sem ter lugar de destaque na sala. Se a roda for no chão, ainda possibilita que os alunos vivenciem outras dinâmicas corporais.

em U

Permite trocas entre estudantes, sem deixar de valorizar a interação do grupo com o professor. Pode ser utilizada na condução de atividades individuais, que prezam por contextos coletivos.

em GRUPOS

Ideal para atividades centradas no debate e produção coletiva. Permite ao professor ter um olhar do todo e caminhar entre os grupos para realizar interferências e dar orientações personalizadas.

em FILEIRAS

A organização tradicional e mais comum nas escolas atende às propostas pedagógicas centradas no professor.

“A organização em fileira impede o contato com o outro, interdita o olhar e condena a uma relação solitária com o conhecimento”

Andrea Zica
Professora do Instituto Casa Viva

crédito: Regiany Silva / porvivo.org

As reuniões são, ou devem ser, um espaço participativo e democrático.

“É um momento dos pais, integrantes dessa comunidade, com o diretor de turma. E não se trata de uma agenda de comunicação, no sentido de comunicar algo (como comumente é feito na reunião de pais), mas de formação e construção coletiva”.



Textos de consulta:

<http://www.publico.pt/temas/jornal//mudando-a-sala-de-aula--podem-mudarse-comportamentos-19138602>

<http://educacaointegral.org.br/reportagens/organizacao-de-estudantes-na-sala-de-aula-nao-deve-ser-fixa-mas-mudar-conforme-intencao-pedagogica/>

Reuniões de Turma e Eleição dos Representantes dos PEE

Os representantes dos pais da turma ou sala [dois elementos no 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino secundário - Art. 44.º do DL N.º 137 (transcrito na pág. 23)] devem ser eleitos na primeira reunião de turma, no início do ano letivo. Os regulamentos internos das escolas devem contemplar e regulamentar a eleição de representantes dos pais no Jardim de Infância e no 1.º Ciclo, corrigindo, dessa forma, uma grave e vergonhosa lacuna da lei (tendo em conta que, se a lei não proíbe, nada impede a regulamentação no regulamento interno).

Os pais devem aproveitar estas reuniões para recolherem informação sobre as questões da vida escolar e do funcionamento da turma.

Adicionalmente, a ocasião pode também ser aproveitada para que os representantes dos pais conheçam as preocupações/desejos dos pais, ficando assim legitimados/informados para tomar as iniciativas que entendam necessárias junto da escola, nomeadamente procurando, para o efeito, o apoio da Associação de Pais.

Elegemos os representantes dos pais. E agora?

Geralmente, acaba a reunião, vamos para casa e voltamos à escola três meses depois, no início do 2.º período do ano letivo, para mais uma “*ouvição*”. Neste interregno o que se faz? Desligamo-nos da escola?

Se a escola não envolve e não convida os pais para participarem na vida da turma e da escola, então os pais organizam-se por si próprios. **O que fazer?**

Na primeira reunião de turma, cada um disponibiliza o seu contato (telefone e e-mail) a todos os pais e encarregados de educação da turma, para efeitos de intercomunicação entre pares. O representante dos pais pode encarregar-se desta tarefa.

O representante dos pais compromete-se a divulgar aos pais, por email, informação útil sobre a turma, a escola nas suas várias vertentes, quer pedagógicas, quer de apoio (refeitório, apoio social e psicológico), quer as físicas, de manutenção e conservação do edifício, e, ainda, informar sobre as atividades da associação de pais.

Realizar-se uma reunião de pais da turma a meio de cada período letivo, para balanço da situação da turma quanto aos aspetos educativos, disciplinares e outros, ou sempre que seja necessário.

Promover o *são convívio* entre pais e encarregados de educação da turma, como meio de se melhorar a relação família/escola e potenciar uma maior empatia dos pais e dos alunos com a escola, para se obterem melhores resultados educativos, nomeadamente, através de:

- celebração dos aniversários natalícios das crianças com a presença de todos os alunos da turma (para estreitar a amizade entre todos e criar-se espírito de grupo);
- realização, com toda a família, de passeios e visitas culturais;
- em conjunto com os representantes das outras turmas e da Associação de Pais promover iniciativas, como, a título de exemplo:
 - as festas de natal e de encerramento do ano letivo;
 - organizar o grupo coral de pais, docentes e não docentes e antigos alunos da escola;
 - organizar o grupo de teatro da escola, envolvendo alunos, famílias, docentes e não docentes da escola.

Comunicar aos representantes dos pais das outras turmas e à Associação de Pais informação relevante, quanto a questões de indisciplina, decisões do Conselho de Turma e outras.

Em que moldes deve ser equacionada a presença dos representantes dos pais no Conselho de Turma?

Os representantes dos pais e encarregados de educação da turma devem ser convocados para estarem presentes nos Conselhos de Turma e colaborarem em todas as iniciativas que possam contribuir para a 'melhoria da qualidade de ensino'. Não podem, no entanto, participarem nas reuniões em que se proceda a análises, avaliações ou outro tipo de decisões em que os seus educandos estejam, pessoal e diretamente, envolvidos (reuniões de avaliação, de carácter disciplinar ou outras).

A participação destes representantes não se pode ficar por participações limitadas e em poucas ou nenhuma reuniões, dado que se generalizou, quer por má interpretação da lei, quer por má prática, a sua não convocatória para as reuniões. Esta situação é inadmissível e afronta os legítimos direitos dos pais para a discussão e participação em tudo aquilo que lhes interessa no âmbito dos supremos interesses dos alunos.

Nota: Esta matéria tem de estar consagrada no Regulamento Interno.

Exemplos de participação dos pais na escola

Há, ainda, quem considere haver dois tipos de pais: os bons, que são os que pintam paredes e consertam portas; os maus, os que questionam. Existem, quer em Portugal, quer em vários países, muitos exemplos de participação que envolvem os pais como parceiros da educação. Eis alguns exemplos:

1 - Como participam os pais e os alunos:

- **Escola da Ponte** - <http://www.escoladaponte.pt/docs.html>

2 - Como participa a comunidade:

- **Escolanova21**

<https://translate.google.pt/translate?hl=pt-PT&sl=ca&u=http://xarxaescolanova21.cat/&prev=search>

- **Os pais são uma arma para um segredo apenas à espera para ser descoberto:** investigadores dizem que os pais, em parceria com os professores, podem mudar o futuro da educação.

<https://www.edutopia.org/secret-weapon-discovered>

- **A equipa da casa-escola:** As crianças aprendem melhor quando os adultos significativos nas suas vidas - pais, professores e outros membros da família e da comunidade - trabalham juntos para incentivá-los e apoiá-los. Este facto básico deve ser um princípio orientador à medida que pensamos sobre como as escolas devem ser organizadas e como as crianças devem ser ensinadas. As escolas, sozinhas, não podem atender a todas as necessidades de desenvolvimento da criança: o envolvimento significativo dos pais e o apoio da comunidade são essenciais.

<https://www.edutopia.org/home-school-team>

E os alunos?

Como se constituem as turmas? Quais os critérios para a distribuição dos alunos por cada turma? Qual a participação democrática dos alunos na escola?

Esta é uma questão, também fundamental, que não pode ser ignorada. Há que agir!

ANEXOS

I

Legislação aplicável

Regime Jurídico de Autonomia, Administração e Gestão das Escolas **Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de abril**

CAPÍTULO IV – Organização pedagógica **SECÇÃO I – Estruturas de coordenação e supervisão** **Artigo 44.º - Organização das atividades de turma**

1 — Em cada escola, a organização, o acompanhamento e a avaliação das atividades a desenvolver com os alunos e a articulação entre a escola e as famílias é assegurada:

- a)** Pelos educadores de infância, na educação pré-escolar;
- b)** Pelos professores titulares das turmas, no 1.º ciclo do ensino básico;
- c)** Pelo **conselho de turma**, nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino secundário, com a seguinte constituição:

i) Os professores da turma;

ii) **Dois representantes** dos pais e encarregados de educação;

iii) Um representante dos alunos, no caso do 3.º ciclo do ensino básico e no ensino secundário.

2 — Para coordenar o trabalho do conselho de turma, o diretor designa um diretor de turma de entre os professores da mesma, sempre que possível pertencente ao quadro do respetivo agrupamento de escolas ou escola não agrupada.

3 — Nas reuniões do conselho de turma em que seja discutida a avaliação **individual** dos alunos apenas participam os membros docentes.

4 — No desenvolvimento da sua autonomia, o agrupamento de escolas ou escola não agrupada pode ainda designar professores tutores para acompanhamento em particular do processo educativo de um grupo de alunos.

Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário
Lei n.º 51/2012

SECÇÃO II

Medidas corretivas e medidas disciplinares sancionatórias

Artigo 27.º

Medidas disciplinares sancionatórias

5 — A decisão de aplicar a medida disciplinar sancionatória de suspensão até 10 dias úteis é precedida da audição em processo disciplinar do aluno visado, do qual constam, em termos concretos e precisos, os factos que lhe são imputados, os deveres por ele violados e a referência expressa, não só da possibilidade de se pronunciar relativamente àqueles factos, como da defesa elaborada, sendo competente para a sua aplicação o diretor da escola, que **pode, previamente, ouvir o conselho de turma.**

CAPÍTULO VII

Regulamento interno da escola

Artigo 52.º

Objeto do regulamento interno da escola

1 — O regulamento interno da escola tem por objeto:

- a) O desenvolvimento do disposto na presente lei e demais legislação de carácter estatutário;
- b) A adequação à realidade da escola das regras de convivência e de resolução de conflitos na respetiva comunidade educativa;
- c) As regras e procedimentos a observar em matéria de delegação das competências do diretor, previstas neste Estatuto, nos restantes membros do órgão de administração e gestão ou no **conselho de turma.**

Portaria 970/80

Diretores de turma

(Normas genéricas)

72 - Nas turmas do ensino preparatório, do ensino secundário unificado e dos cursos complementares diurnos haverá diretores de turma.

73 - A atribuição das direções de turma é da competência do conselho diretivo, ou de quem as suas vezes fizer, tendo em atenção critérios propostos pelo conselho pedagógico.

74 - Os diretores de turma devem ser, sempre que possível, professores profissionalizados.

74.1 - A atribuição das direções de turma deverá ser feita tendo em conta, como desejáveis, os seguintes requisitos:

74.1.1 - Capacidade de relação fácil com os alunos, restantes professores, pessoal não docente e encarregados de educação, expressa pela sua comunicabilidade e modo como são aceites.

74.1.2 - Tolerância e compreensão associadas sempre a atitudes de firmeza que impliquem respeito mútuo.

74.1.3 - Bom senso e ponderação.

74.1.4 - Espírito metódico e dinamizador.

74.1.5 - Disponibilidade para apreciar as solicitações a que têm de responder.

74.1.6 - Capacidade de prever situações e de solucionar problemas sem os deixar avolumar.

75 - O número máximo de direções de turma a atribuir a um professor é de duas.

76 - A redução do tempo de serviço letivo referente a cada direção de turma é de duas horas semanais, sendo uma delas obrigatoriamente marcada no horário do professor.

77 - O cargo de diretor de turma é de aceitação obrigatória, salvo os casos de escusa considerada justificada pelo conselho diretivo.

78 - Quando o diretor de turma estiver impedido de exercer as suas funções, por período dilatado, o conselho diretivo designará interinamente novo diretor de turma, que entrará imediatamente em exercício, ao qual serão concedidas as correspondentes duas horas de redução enquanto exercer tais funções.

78.1 - Comunicado o facto à direção-geral de ensino respetiva, esta homologará a decisão ou comunicará a sua não aceitação.

79 - Os conselhos diretivos, no início do ano letivo, devem fornecer aos diretores de turma a respetiva legislação vigente, assim como quaisquer outros documentos considerados úteis para o desempenho dessa função.

(Atribuições)

80 - São atribuições do diretor de turma:

80.1 - Desenvolver as ações que promovam e facilitem uma integração correta dos alunos na vida escolar.

80.2 - Incentivar as condições que conduzam à existência de um diálogo permanente com alunos e pais ou encarregados de educação, tendo em vista um esclarecimento e colaboração recíproca do andamento dos trabalhos da solução das dificuldades pessoais e escolares.

80.3 - Criar condições de participação efetiva dos professores na planificação dos trabalhos, na ação disciplinar e nas ações de informação e esclarecimento de alunos, pais e encarregados de educação.

80.4 - Providenciar no sentido de que seja assegurada aos professores da turma a existência dos meios e documentos de trabalho e de orientação necessários ao desempenho das atividades.

Do conselho de turma

(Atribuições)

81 - O conselho de turma terá as seguintes atribuições:

81.1 - Articular as suas atividades com o conselho de grupo, subgrupo ou disciplina, designadamente no que se refere ao planeamento e coordenação das relações interdisciplinares a nível de turma.

81.2 - Analisar, em colaboração com o conselho de diretores de turma, os problemas de integração dos alunos na escola e no trabalho escolar e as relações interpessoais de professores e alunos, propondo as soluções que parecerem mais adequadas.

81.3 - Colaborar nas ações que favoreçam a inter-relação da escola com o meio.

81.4 - Dar execução às orientações do conselho pedagógico, propondo as alterações que a prática aconselha.

INFORMAÇÃO ÚTIL

Programas e Metas Curriculares

Ver em: <http://www.dge.mec.pt/programas-e-metas-curriculares-0>

Currículos Pré-Escolar e Ensinos Básico e Secundário

Ver em: <http://www.dge.mec.pt>

II

Modelo de Epstein de Seis Tipos de Envolvimento a desenvolver pela escola

Práticas, Desafios, Redefinições e Resultados Esperados

TIPO 1: PARENTALIDADE

Ajudar as famílias a estabelecer ambientes domésticos para apoiar as crianças como estudantes.

Exemplos de Práticas

- Ajudar as famílias a criarem para condições em casa que apoiem a aprendizagem em cada nível de escolaridade.
- Workshops, vídeos, mensagens enviadas por email sobre paternidade, psicologia infantil e do adolescente e métodos de estudo.
- Formação parental e outros cursos ou treinamento para a função de educadores.
- Programas de apoio familiar para ajudar as famílias na saúde, alimentação saudável e outros serviços [um grande número de famílias vive em condições sociais e económicas desfavorecidas, situação reconhecida como causa de insucesso escolar].
- Reuniões com as famílias nos períodos de transição para o pré-escolar, 1.º ciclo, 2.º ciclo e secundário [novos desafios, informação sobre currículos, apoios, etc.].

Comunidade (tal como uma comunidade de vizinhos de um bairro)

Promover reuniões com a comunidade local [*] para ajudar as famílias a entender a escola e ajudar a escola a entender as famílias.

[*] A escola interessa a todos os habitantes, sejam ou não pais, tenham ou não filhos na escola local, porque a educação é a garantia de futuro de uma comunidade.

Desafios

- Distribuir informações sobre a escola, cursos, educação em geral, a todas as famílias que o desejem ou que dela necessitem, e não apenas aos poucos que frequentem workshops ou reuniões na escola.
- Permitir que as famílias partilhem informações com a escola sobre cultura, experiências pessoais de vida, talentos infantis e necessidades.
- Certificar-se de que todas as informações para e de famílias são claras, utilizáveis e ligadas ao sucesso das crianças na escola.

Redefinições

Um "workshop" significa mais do que uma reunião sobre um tópico, realizado na escola num determinado tempo. "Workshop" também pode significar disponibilizar informações sobre um tópico numa variedade de formas, que podem ser vistas, ouvidas ou lidas em qualquer lugar, a qualquer momento, em formas variadas.

Resultados para os estudantes

- Conhecimento da supervisão familiar; respeito pelos pais.
- Qualidades pessoais positivas, hábitos, crenças e valores, como ensinado pela família.
- Equilíbrio entre o tempo gasto em tarefas, em outras atividades e em trabalhos de casa.
- Boa ou melhor assistência nas aulas.
- Consciência da importância da escola.

Resultados para os pais

- Compreensão e confiança na educação de filhos, no desenvolvimento da criança e das mudanças nas condições em casa para aprender como as crianças evoluem na escola.
- Consciência dos próprios e dos outros desafios colocados aos pais.
- Sentimento do apoio da escola e de outros pais.

Resultados para os professores

- Compreender as origens, culturas, preocupações, metas, necessidades e pontos de vista das famílias e crianças.
- Respeito pelos esforços das famílias.
- Compreensão da diversidade estudantil.
- Conhecimento das suas próprias competências para partilhar informações sobre o desenvolvimento da criança.

TIPO 2: COMUNICAR

Conceber formas eficazes de comunicação escola-para-casa e casa-para-escola sobre os programas escolares e o progresso das crianças nas aprendizagens.

Exemplos de Práticas

- Conferências com todos os pais, pelo menos uma vez por ano, sobre a escola e objetivos, métodos para melhoria das notas, envolvimento parental e outros temas da educação centrados na respetiva escola.
- Pastas semanais ou mensais dos trabalhos do aluno, enviadas para casa para observação pelos pais e comentários.
- Programação regular de envio de informação útil e memorandos sobre as atividades da escola, através de newsletters e outras comunicações via Internet e redes sociais internas.
- Informações sobre a escolha de escolas ou cursos, programas e atividades nas escolas, para prosseguimento de estudos ou mudança de ciclo.
- Informação, com redação clara, sobre todas as políticas, programas, reformas e transições de curso da escola.

Desafios

- Rever a legibilidade, clareza, forma e frequência de todos os memorandos, avisos e outras comunicações não impressas.
- Ter em consideração os pais que não falam nem leem bem português.
- Rever a qualidade das principais comunicações (boletins informativos, newsletter).
- Estabelecer canais claros bidirecionais para as comunicações de casa para a escola e da escola para casa.

Redefinições

- "Comunicações sobre programas escolares e progresso do aluno" significam duas vias, três vias e muitos canais de comunicação que liguem entre si escolas, famílias, alunos e a comunidade.

Resultados para os estudantes

- Consciência do seu progresso e das ações necessárias para manter ou melhorar as notas.
- Compreensão das políticas escolares sobre comportamento, atitudes e outras áreas de conduta.
- Decisões informadas sobre cursos e programas.
- Conscientização do papel nas parcerias, servindo como mensageiro e comunicador.

Resultados para os pais

- Compreender os programas e políticas escolares.
- Acompanhamento e conscientização do progresso da criança.
- Responder eficazmente aos problemas dos alunos.
- Interações com os professores e facilidade de comunicação com a escola e os professores.

Resultados para os professores

- Maior diversidade e utilização da comunicação com as famílias e consciência da própria capacidade. Comunicar com clareza.
- Valorização e utilização da rede para comunicações.
- Aumento da capacidade de induzir e compreender as opiniões da família sobre os programas e o progresso dos alunos.

TIPO 3: VOLUNTARIADO

Recrutar e organizar a ajuda e apoio dos pais.

Exemplos de Práticas

- Programa de voluntariado escolar e em sala de aula para ajudar professores, estudantes e outros pais.
- Sala de pais ou centro familiar para trabalho voluntário, reuniões, recursos para famílias.
- Pesquisa anual para identificar todos os talentos disponíveis, horários e locais de voluntários.
- Criar plataforma na Internet, base de dados ou outras estruturas com informações necessárias para fornecer a todas as famílias.
- Atividades para ajudar a segurança da escola e dos alunos na operacionalização dos programas escolares.

Desafios

- Recrutar voluntários sem discriminações, para que todas as famílias saibam que o seu tempo e talentos são bem-vindos.
- Fazer horários flexíveis das assembleias e eventos para que os pais possam participar.
- Organizar o trabalho voluntário e reconhecer os esforços para que os participantes sejam produtivos.

Redefinições

- "Voluntário" significa qualquer pessoa que apoie as metas escolares e as aprendizagens - de qualquer maneira, em qualquer lugar e momento - não apenas durante o dia e na escola.

Resultados para os estudantes

- Capacidade em comunicar com adultos.
- Aumento da aprendizagem de capacidades adquirida nas tarefas de voluntariado.
- Consciência das capacidades, talentos, ocupações e contribuições de pais e outros.

Resultados para os pais

- Entender o trabalho do professor, aumentar o conforto na escola e levar por diante as atividades escolares em casa.
- Autoconfiança na capacidade de trabalhar na escola e com as crianças ou de tomar medidas para melhorar a própria educação.
- Consciência de que as famílias são bem-vindas e valorizadas na escola.
- Ganhos em habilidades específicas de trabalho voluntário.

Resultados para os professores

- Prontidão para envolver as famílias de novas maneiras, incluindo aquelas que não se voluntariam na escola.
- Consciência dos talentos e interesses dos pais na escola e nas crianças.
- Maior atenção individual aos alunos, com a ajuda de voluntários.

TIPO 4: APRENDER EM CASA

Fornecer informações e ideias às famílias sobre como ajudar os alunos em casa com os trabalhos de casa e outras atividades relacionadas ao currículo, decisões e planejamento.

Exemplos de Práticas

- Informações para as famílias sobre as competências necessárias para os alunos em todas as disciplinas em cada ano.
- Informações sobre as práticas de casa e como monitorizar e discutir o trabalho escolar em casa.
- Informações sobre como ajudar os alunos a melhorar as competências nas avaliações.
- Programação regular de trabalhos de casa, que exige que os alunos discutam e interajam com o que estão a aprender em sala de aula.
- Calendários com atividades para pais e alunos em casa.
- Matemática familiar, ciência e atividades de leitura na escola.
- Pacotes ou atividades de aprendizagem nas férias de verão.
- Participação da família na definição dos objetivos dos alunos em cada ano e no planejamento para a faculdade ou ensino profissional.

Desafios

- Elaborar e organizar um horário regular de trabalhos de casa interativos (por exemplo, semanalmente ou bimensalmente), que dê aos alunos a responsabilidade de discutir coisas importantes que estão a aprender, e ajudar as famílias a estarem cientes do conteúdo do trabalho dos seus filhos.
- Coordenar as atividades ligadas às tarefas domésticas, se os alunos tiverem vários professores.
- Envolver as famílias e os seus filhos em decisões importantes relacionadas ao currículo.

Redefinições

- "Trabalho de Casa" significa não apenas trabalho feito sozinho, mas também atividades interativas compartilhadas em casa ou na comunidade, ligando o trabalho escolar com a vida.
- "Ajuda" em casa significa encorajar, ouvir, reagir, elogiar, orientar, monitorizar e discutir, ou seja, não "ensinar" assuntos escolares.

Resultados para os estudantes

- Ganhos em competências, capacidades e pontuações de testes ligados ao trabalho de casa e de turma.
- Conclusão dos trabalhos de casa.

- Atitude positiva em relação ao trabalho escolar.
- Olhar os pais como mais semelhantes ao professor, e a sua casa como mais semelhante à escola.
- Autoconceito de capacidade como aprendiz.

Resultados para os pais

- Saber como apoiar, incentivar e ajudar os filhos em casa.
- Discussões de escola, trabalho de turma e deveres de casa.
- Compreensão do programa de ensino de cada ano e do que a criança está a aprender.
- Apreciação das competências de ensino.
- Consciência da criança como aprendiz (nas aprendizagens).

Resultados para os professores

- Melhor esboço dos trabalhos de casa.
- Respeito pelo tempo da família.
- Reconhecimento da igualdade das famílias menos escolarizadas.
- Motivar e reforçar a aprendizagem dos alunos.
- Satisfação com o envolvimento e apoio da família.

TIPO 5: TOMAR UMA DECISÃO

Inclua os pais nas decisões escolares, promovendo o envolvimento e a participação.

Exemplos de Práticas

- Associação de Pais ativa ou outras organizações de pais, conselhos consultivos ou comissões (por exemplo, currículo, cultura e lazer, segurança) para liderança e participação dos pais.
- Grupos para pressionar e trabalhar para a melhoria do ensino e da reforma curricular.
- Informações sobre a escola ou de eleições para os órgãos de gestão da escola.
- Redes de comunicação para ligar todas as famílias com os representantes dos pais.

Desafios

- Incluir os representantes dos pais em todos os grupos ou projetos da escola.
- Realizar ações de formação para capacitar os representantes dos pais.
- Incluir os alunos (juntamente com os pais) nos grupos de tomada de decisão.

Redefinições

- "Tomada de decisão" significa um processo de parceria, de visões compartilhadas, ações e objetivos, não uma luta de poder entre ideias conflitantes.
- "Líder" significa um representante dos pais, com oportunidades e apoio para ouvir e comunicar com outras famílias.

Resultados para os estudantes

- Consciencialização da representação das famílias nas decisões escolares.
- Entender que os direitos dos estudantes estão protegidos.
- Benefícios específicos ligados a políticas promulgadas pelas organizações de pais e alunos.

Resultados para os pais

- Participação nas políticas que afetam a educação da criança.
- Sentimento de propriedade da escola.
- Consciência das vozes dos pais nas decisões escolares.

- Partilha de experiências e conexões com outras famílias.
- Conscientização sobre políticas escolares, locais e nacionais.

Resultados para os professores

- Consciência das perspectivas dos pais como um fator no desenvolvimento de políticas e decisões.
- Visão do status igual de representantes da família em comissões e em cargos de liderança.

TIPO 6: COLABORAÇÃO COM COMUNHÃO

Identificar e integrar recursos e serviços da comunidade para fortalecer programas escolares, programas de práticas e aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

Exemplos de Práticas

- Informações para os estudantes e as famílias sobre saúde comunitária, apoio cultural, recreativo, social e outros programas ou serviços
- Informação sobre as atividades comunitárias que ligam as competências e talentos de aprendizagem, programas para estudantes.
- Integração de serviços através de parcerias envolvendo a escola; serviço cívico, cultural, saúde, lazer e outras, através de organizações locais.
- Serviço à comunidade por estudantes, famílias e escolas (por exemplo, reciclagem, arte, música, teatro e outras atividades para idosos ou outros).
- Participação de ex-alunos em programas escolares e extracurriculares para estudantes.

Desafios

- Informar as famílias sobre programas comunitários para estudantes, tais como mentores, tutoria, parcerias.
- Assegurar equidade de oportunidades para que os estudantes e as famílias participem em programas comunitários ou serviços.
- Fazer corresponder as contribuições da comunidade com as metas da escola, integrar os serviços da criança e da família com a educação.

Redefinições

- "Comunidade" significa não apenas os bairros onde estão localizadas as habitações e as escolas, mas também os bairros que influenciam a sua aprendizagem e desenvolvimento.
- "Comunidade" classificada não apenas por qualidades sociais ou económicas baixas ou altas, mas por forças e talentos para apoiar estudantes, famílias e escolas.
- "Comunidade" significa todos os interessados e afetados pela qualidade da educação, e não apenas aqueles com crianças nas escolas.

Resultados para os estudantes

- Aumento das competências e talentos, através das experiências curriculares e extracurriculares enriquecidas.
- Conhecimento de carreiras e de opções de educação e trabalho futuro.
- Benefícios específicos ligados a programas, serviços, recursos e oportunidades para alunos.

Resultados para os pais

- Conhecimento e utilização dos recursos locais por parte da família e da criança para aumentar ou obter os serviços necessários.

- Interações com outras famílias em atividades comunitárias.
- Conhecimento do papel da escola na comunidade e das contribuições da comunidade para a escola.

Resultados para os professores

- Conhecimento dos recursos da comunidade para enriquecer o currículo e o ensino.
- Abertura e capacidade no uso de mentores, parcerias, voluntários da comunidade e outros para ajudar os alunos e aumentar as práticas de ensino.
- Referências sábias e úteis de crianças e famílias aos serviços necessários.

Fonte: [https://www.unicef.org/lac/Joyce_L_Epstein_s_Framework_of_Six_Types_of_Involvement\(2\).pdf](https://www.unicef.org/lac/Joyce_L_Epstein_s_Framework_of_Six_Types_of_Involvement(2).pdf)

Adaptação do texto original por António Amaral

Recolha, adaptação dos textos e redação: António Amaral [*]

[*] Membro de órgãos sociais de associações de pais entre 1999 e 2015; presidente das associações de pais da EB1/JI da Cova da Piedade (2001 a 2004), da EB2.3 Conceição e Silva (2004 a 2007), da ES Fernão Mendes Pinto (2010 a 2013), do Conselho Consultivo da CONFAP (2003 a 2005), da FERSAP (2004 a 2013), da UCAPA (2009 a 2011 e 2013); vice-presidente do conselho executivo da CONFAP (2007 a 2009); vice-presidente do conselho geral da ES Fernão Mendes Pinto (2011 a 2013); membro do conselho pedagógico da EB2.3 Conceição e Silva (2005 a 2007). Presidente da Direção da Edufoco. Licenciado em Jornalismo e pós-graduação em Direito da Comunicação. Distinguido pelo Município de Almada com a Medalha de Mérito Cultural.



Academia de Cultura e Solidariedade Ramiro Freitas
www.academiaramirofreitas.com

Abril de 2017